

PERCEPÇÕES DE AGENTES SOCIAIS SOBRE JUVENTUDES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO SERTÃO CEARENSE: UM ESTUDO QUALITATIVO

PERCEPTIONS OF SOCIAL AGENTS REGARDING YOUTH IN SITUATIONS OF SOCIAL VULNERABILITY IN THE SERTÃO CEARENSE: A QUALITATIVE STUDY

PERCEPCIONES DE AGENTES SOCIALES SOBRE LAS JUVENTUDES EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD SOCIAL EN EL SERTÓN CEARENSE (BRASIL): UN ESTUDIO CUALITATIVO



Copyright (c) 2026 - Scientia - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão - Faculdade Luciano Feijão - Núcleo de Publicação e Editoração - This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

Submetido: 14.05.2026

Aprovado: 30.07.2026

Pedro Henrique Ponte Pessoa¹
Camila Maria de Oliveira Ramos²
Antonia Naryele Oliveira Aguiar³
Kelyta Menezes de Araújo de Moura⁴
Alexsandra Maria Sousa Silva⁵
Anne Graça de Sousa Andrade⁶

RESUMO

A vulnerabilidade social, marcada pela exclusão e falta de oportunidades, impacta o desenvolvimento de jovens, afetando suas relações familiares e comunitárias. Este estudo teve como objetivo analisar como agentes sociais percebem os impactos psicossociais da vulnerabilidade social sobre jovens atendidos em projetos comunitários. Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, de abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas analisadas pelo IRaMuTeQ e Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados evidenciaram que as dificuldades socioeconômicas influenciam a participação comunitária, além de estarem associadas a limitações no diálogo e na expressão de sentimentos entre pais e filhos. Diante desse cenário, destaca-se a importância de estratégias como oficinas, promoção do diálogo e desenvolvimento do autoconhecimento, voltadas ao fortalecimento das relações familiares e ao apoio socioemocional dos participantes. Conclui-se que a vulnerabilidade social presente na comunidade, aliada às fragilidades na comunicação familiar, demanda ações integradas de fortalecimento socioemocional, envolvendo a psicologia, as políticas públicas e o campo educacional.

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão (FLF), pedrato.ph@gmail.com

² Docente no Curso de Psicologia na Faculdade Luciano Feijão (FLF), camilamariamos@gmail.com

³ Graduada de Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão (FLF), naryeleaguiar1990@gmail.com

⁴ Especialista em Políticas Públicas e Seguridade Social no Centro Universitário Cearense, kelytamearaujo@gmail.com

⁵ Docente no Curso de Psicologia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), alexsandramss88@gmail.com

⁶ Docente no Curso de Psicologia na Faculdade Luciano Feijão (FLF), anne.andrade@flucianofejiao.com.br

Palavras-chaves: Vulnerabilidade social; Juventudes; Políticas públicas.

ABSTRACT

Social vulnerability, characterized by exclusion and a lack of opportunities, impacts the development of young people, affecting their family and community relationships. This study aimed to analyze how social agents perceive the psychosocial impacts of social vulnerability on youth participating in community projects. It is an exploratory-descriptive study with a qualitative approach, utilizing semi-structured interviews analyzed via IRaMuTeQ and Bardin's content analysis. The results revealed that socioeconomic difficulties influence community participation and are associated with limitations in dialogue and the expression of feelings between parents and children. Given this scenario, the importance of strategies such as workshops, the promotion of dialogue, and the development of self-awareness—aimed at strengthening family relationships and providing socio-emotional support to participants—is highlighted. The study concludes that the social vulnerability present in the community, combined with weaknesses in family communication, calls for integrated actions to foster socio-emotional resilience, involving the fields of psychology, public policy, and education.

Keywords: Social vulnerability; Youth; Public policies.

RESUMEN

La vulnerabilidad social, caracterizada por la exclusión y la falta de oportunidades, impacta el desarrollo de las juventudes, afectando sus relaciones familiares y comunitarias. Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo los agentes sociales perciben los impactos psicosociales de la vulnerabilidad social en las juventudes atendidas en proyectos comunitarios. Se trata de una investigación exploratoria-descriptiva, con enfoque cualitativo, basada en entrevistas semiestructuradas analizadas mediante el software IRaMuTeQ y el Análisis de Contenido de Bardin. Los resultados evidenciaron que las dificultades socioeconómicas influyen en la participación comunitaria y se asocian con limitaciones en el diálogo y en la expresión de sentimientos entre padres e hijos. Ante este escenario, se destaca la importancia de estrategias como talleres, la promoción del diálogo y el desarrollo del autoconocimiento, orientadas al fortalecimiento de las relaciones familiares y al apoyo socioemocional de los participantes. Se concluye que la vulnerabilidad social presente en la comunidad, junto con las fragilidades en la comunicación familiar, pone de manifiesto la necesidad de implementar acciones integrales de fortalecimiento socioemocional que articulen la psicología, las políticas públicas y el ámbito educativo.

Palabras clave: Vulnerabilidad social; Juventud; Políticas públicas.

INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social é um conceito multifacetado, marcado pela ausência de consenso em sua definição (Scoot *et al.*, 2018). No entanto, é fundamental apresentar considerações que possibilitem uma melhor compreensão desse fenômeno. A palavra "vulnerável" deriva do latim *vulnerabilis*, associada à ideia de perda, lesão ou dano. Esse termo, sendo colocado no contexto social, refere-se a uma condição de fragilidade social, evidenciada pela precariedade laboral, vínculos sociais debilitados e risco de exclusão (Brondani *et al.*, 2021).

Conceitualmente, a vulnerabilidade social abrange o risco frente à pobreza, precarização do trabalho, desemprego, ausência de proteção social, dificuldades de acesso a serviços públicos, e

fragilidade nos vínculos afetivos e de pertencimento, frequentemente resultantes de discriminações etárias, de gênero e étnicas (Brondani *et al.*, 2021). Tais fatores influenciam diretamente o comportamento familiar e comunitário, ressaltando a importância de integrá-los ao trabalho com populações em situação de vulnerabilidade (Pereira, 2019). Além disso, o conceito de vulnerabilidade social não se restringe apenas a questões econômicas, mas abrange aspectos complexos relacionados à desigualdade (Scoot *et al.*, 2018).

A vulnerabilidade social está intrinsecamente associada às consequências negativas das desigualdades sociais sobre crianças e adolescentes. Frequentemente, é compreendida como consequência da pobreza, exclusão social e disfunções no contexto familiar (Pereira, 2019). Além disso, a falta de oportunidades educacionais, laborais, culturais e de lazer também está correlacionada a essas condições, refletindo os diferentes contextos e níveis sociais. Em situações mais graves, esse cenário é caracterizado como vulnerabilidade extrema (Gomes; Azevedo, 2024), a qual limita a autonomia dos indivíduos, perpetuando ciclos de pobreza e restringindo oportunidades de ocupações significativas (Alvarenga; Patrocino; Barbi, 2021).

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender as trajetórias de jovens que vivenciam tais condições, bem como buscar estratégias que promovam inclusão social e proteção. A vulnerabilidade social entre crianças e adolescentes de baixo nível socioeconômico está relacionada à fragilidade e à dependência, tornando-os suscetíveis às condições do ambiente físico e social em que vivem, o que impacta tanto sua saúde física quanto psicológica (Silva; Alberto; Costa, 2022).

O enfrentamento da vulnerabilidade social requer uma abordagem multidisciplinar e integrada, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, como psicologia e políticas públicas. Essas abordagens visam fortalecer a capacidade dos indivíduos e grupos para ocupar espaços sociais e acessar seus direitos (UNDP, 2023).

Nesse sentido, é essencial a valorização e consolidação dos vínculos familiares e comunitários, garantindo suporte psicológico, social e econômico que permita o pleno desenvolvimento das potencialidades individuais (Sadriu; Orhani; Thaci, 2026). Além disso, a promoção da inclusão social e o fortalecimento de redes de apoio são facilitados pela participação em atividades significativas, que atendam às necessidades pessoais, sociais e de saúde. Contudo, essas práticas são dependentes do contexto e influenciadas por fatores estruturais e pessoais (Souza; Panuncio-Pinto; Fiorati, 2019). Diante do exposto, temos como pergunta de partida deste estudo: “Como agentes sociais percebem os impactos da vulnerabilidade social sobre jovens atendidos em projetos sociais?”

Os agentes sociais são os principais responsáveis por projetos sociais e desempenham um papel fundamental no apoio a jovens em situação de vulnerabilidade, oferecendo atividades educativas e culturais que promovem o desenvolvimento de valores e habilidades para a vida em sociedade (Araújo,

2023). Tais projetos contribuem para a formação de uma geração mais qualificada, promovendo inclusão e garantindo acesso a direitos fundamentais, como educação e saúde (Sawaia, 2003). Através desses projetos, busca-se reverter a desigualdade e estimular a autonomia e o protagonismo juvenil. Redes de suporte social mais amplas, que envolvem família, amigos, escola e outras instituições, são essenciais para oferecer orientação, recursos e apoio emocional (Freire; Faundez, 2002). As interações entre indivíduos e seus ambientes podem servir como suporte em períodos de crise ou transição, além de possibilitar oportunidades para o desenvolvimento humano (UNDP, 2023). Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar como agentes sociais percebem os impactos psicossociais da vulnerabilidade social sobre jovens atendidos em projetos comunitários.

MATERIAL E MÉTODO

Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, de cunho qualitativo. A abordagem qualitativa busca compreender os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que permeiam as relações, os processos e os fenômenos sociais, sendo adequada para investigar fenômenos complexos a partir das experiências e interpretações construídas pelos participantes em seus contextos socioculturais. Dessa forma, privilegia a profundidade da análise em detrimento da generalização dos resultados (Minayo, 2022).

Cenário da Pesquisa

Foi realizada com agentes sociais integrantes de uma organização social, que contribui para o desenvolvimento de políticas públicas para as juventudes, famílias e comunidades, tem como objetivo construir projetos de vidas de adolescentes, jovens e familiares. A organização atua em nove bairros da cidade de Sobral, localizada no Sertão da Região Norte do Ceará. Essas áreas são reconhecidas como regiões de vulnerabilidade e risco social por conta dos índices de violência e ausência de políticas públicas sociais e culturais que proporcionem mudanças efetivas nesta realidade.

Participantes

Contou-se a participação de três participantes (agentes sociais) vinculados à organização social investigada, por critério de saturação (ver Tabela 1). No período da coleta de dados, esse correspondia ao quantitativo de profissionais elegíveis para participação no estudo. A inclusão de novos participantes foi encerrada frente a recorrência das informações, sem a identificação de novos elementos relevantes para o objetivo da pesquisa, considerando ainda o reduzido número de agentes

sociais elegíveis à época da coleta de dados. Foram adotados como critérios de inclusão, indivíduos maiores de 18 anos de idade, ser agente social ou arte educador atuante na organização social específica e ter no mínimo quatro meses de atuação. Como critérios de exclusão, consideraram-se participantes que não compareceram à entrevista agendada para coleta de dados e forneceram dados imprecisos.

Tabela 1 – Dados Sociodemográficos dos Participantes.

Nº	Sexo	Idade	Reside	Categoria	Tempo de atuação
Participante 1	Feminino	24 anos	Sobral-CE	Agente Social	1 ano e 3 meses
Participante 2	Masculino	26 anos	Sobral-CE	Agente Social	1 ano e 6 meses
Participante 3	Masculino	28 anos	Sobral-CE	Agente Social	9 Anos

Fonte: Elaborada pelos autores.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico com 10 questões abertas e objetivas, abordando idade, escolaridade, categoria profissional, período de trabalho, dentre outros e um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por sete questões abertas, organizadas em três categorias prévias: (1) “Social: o conhecimento sobre a inter-relação dos indivíduos com a comunidade”, abordando a relação dos jovens com a comunidade, as principais dificuldades vivenciadas e os vínculos familiares; (2) “Emocional: a percepção através do olhar do profissional frente aos sentimentos e afetos dos jovens”, contemplando a percepção dos profissionais sobre os impactos dessas dificuldades e a compreensão dos jovens acerca de sua realidade; e (3) “Estratégias de enfrentamento frente a situação de vulnerabilidade”, explorando os recursos utilizados pelos jovens e as intervenções desenvolvidas pelos agentes sociais no contexto da vulnerabilidade social.

Procedimentos Éticos e de Coleta

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Luciano Feijão, sob parecer nº 6.220.669. A pesquisa atendeu às recomendações éticas para pesquisas com seres humanos no que diz respeito às Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisa foi desenvolvida por meio de parceria firmada entre a Faculdade Luciano Feijão e Instituto Teias da Juventude e para o processo de coleta de dados, os participantes profissionais foram contatados por conveniência, conforme a facilidade de acesso.

No primeiro contato, foi realizado o convite, sendo explicados os objetivos e os procedimentos para participarem voluntariamente da pesquisa. Após aceite, foi solicitada ainda a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A aplicação dos instrumentos foi realizada em local e horário marcados, escolhidos pelos participantes. As entrevistas foram realizadas de modo

individual, gravadas em áudio, pelo pesquisador no período de outubro de 2023. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com duração média de aproximadamente 15 a 20 minutos.

Análise dos Dados

As entrevistas foram analisadas com o auxílio do software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) que busca apreender a estrutura e a organização do discurso, informando as relações entre os mundos lexicais que apresentam uma maior frequência de enunciação pelos participantes da pesquisa (Camargo; Justo, 2013). As análises foram realizadas em três etapas. Na primeira etapa, foram processadas as análises lexicográficas clássicas para verificação de estatística de quantidade de evocações, formas e segmentos de texto (ST) – recortes de textos de cerca de três linhas. Em seguida, foi feita a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), para o reconhecimento do dendrograma com as classes que emergirem, considerando que palavras com maiores valores de χ^2 estão mais associadas a classe. Desconsiderou-se palavras com $x^2 < 3,80$ ($p < 0,05$) (Kami *et al.*, 2016). Na terceira etapa, foi gerada a Nuvem de Palavras, a fim de agrupar as palavras organizando-as graficamente em função da sua frequência, sendo maiores aquelas que possuíam maior frequência. Considerou-se as palavras com frequência mínima igual a 10 (Kami *et al.*, 2016).

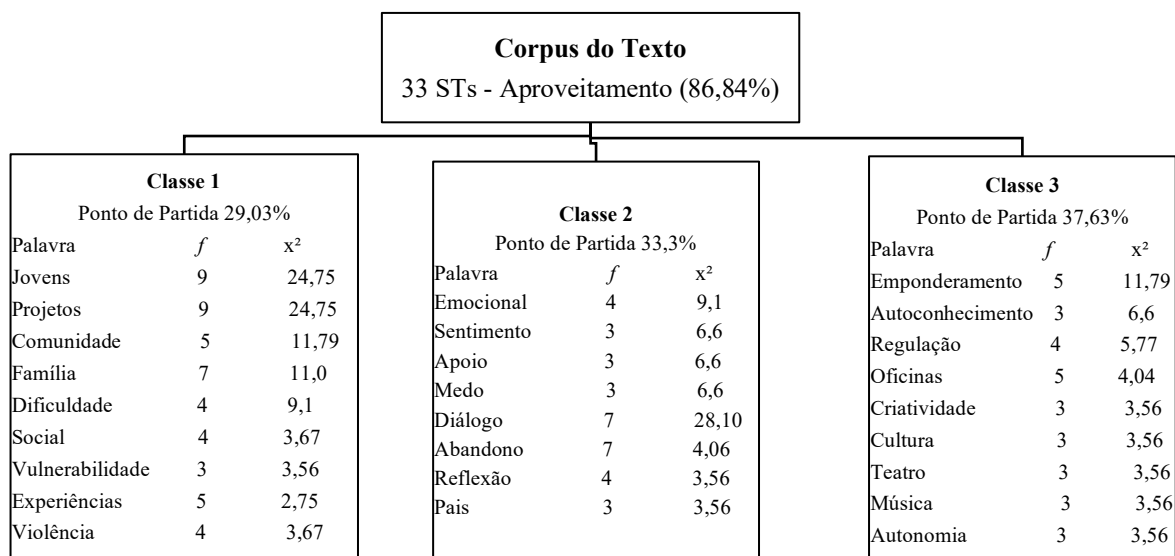
Por fim, essa análise de dados é um processo que requer experiência, visão e fundamentação teórica do pesquisador sobre as experiências dos participantes. A compreensão do material feita pelo IRaMuTeQ e nomeação das classes foram realizadas manualmente por dois juízes, a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). O método da análise de conteúdo fundamenta-se na pré-análise, análise do material e tratamento das informações e na interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Classificação Hierárquica e Descendente e Análise de Conteúdo de Bardin

O corpus geral foi constituído por três textos, 38 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 33 STs (86,84%). Emergiram 1.180 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 315 palavras distintas e 164 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em três classes distintas: Classe 1 - “Relações sociais e comunitárias”, que compreendeu 8 STs (29,03%); Classe 2 – “Aspectos afetivos” representada por 12 STs (33,3%); e Classe 3 – “Estratégias de enfrentamento em contextos de vulnerabilidade”, que englobou 13 STs (37,63%). Essa categorização permitiu uma análise mais detalhada das diferentes dimensões presentes no corpus (ver Figura 1).

Figura 1. Dendrograma da vivência dos profissionais.



Fonte: Autoria dos autores, 2023.

Partindo das percepções dos participantes, a vulnerabilidade social manifesta-se de maneira multidimensional, envolvendo aspectos econômicos, emocionais, institucionais e simbólicos, que se articulam e potencializam mutuamente as experiências dos jovens. Essa compreensão amplia a análise para além da insuficiência de recursos materiais, evidenciando processos relacionados ao acesso a direitos, ao reconhecimento social, ao fortalecimento dos vínculos e às oportunidades de participação comunitária.

Classe 1 - Relações sociais e comunitárias

Essa classe representa 29,03% ($f = 8$ ST) do corpus total analisado. Foi constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 2,52$ (Ir) e $\chi^2 = 24,75$ (Jovens). Essa classe é composta por palavras como: “Projetos” ($\chi^2 = 24,75$), “Comunidade” ($\chi^2 = 11,79$), “Família” ($\chi^2 = 11$) e “Dificuldade” ($\chi^2 = 9,1$). O conteúdo desta categoria aborda, principalmente, a percepção dos agentes sociais sobre a vulnerabilidade presente na comunidade de Padre Palhano e suas implicações no campo de atuação. Os agentes identificam um fenômeno de alienação marcado por preocupações recorrentes e uma relutância em participar de atividades locais, percepção esta influenciada por fatores socioeconômicos.

A vulnerabilidade observada nos relatos extrapola a dimensão econômica e evidencia processos de exclusão social mediados pela violência, pela restrição da circulação no território e pela fragilidade das redes de participação comunitária. Nessa perspectiva, a exclusão não decorre apenas da insuficiência de renda, mas da limitação do acesso aos recursos sociais, culturais e institucionais disponíveis.

A dimensão social, focada no conhecimento sobre a relação dos indivíduos com a comunidade, revela como a vulnerabilidade socioeconômica e a violência impactam diretamente a vida dos jovens. A percepção dos agentes sociais destaca que a constante ameaça à segurança e a falta de oportunidades geram comportamentos de isolamento e receio, levando muitas famílias a restringirem a participação dos jovens em atividades comunitárias. Esse distanciamento não é interpretado como rejeição ao território, mas como uma adaptação às adversidades enfrentadas. A violência e o controle armado criam uma atmosfera de medo, prejudicando a construção de vínculos sociais e o engajamento em ações coletivas. Soma-se a isso a carência de recursos básicos e experiências comuns, como acesso a lazer e alimentação adequada, ilustrando as profundas desigualdades que caracterizam o contexto local.

Nesse sentido, os agentes sociais interpretam essas respostas não como manifestações de rejeição ou preconceito em relação ao próprio território, mas como formas adaptativas de lidar com as adversidades do contexto em que estão inseridos. Essa percepção crítica da vulnerabilidade torna-se, assim, fundamental para orientar uma atuação mais sensível e efetiva no campo, reconhecendo os desafios enfrentados e buscando estratégias que promovam o engajamento e a transformação social.

A violência constante nas ruas e o controle [...] fazem com que muitas famílias prefiram manter os filhos dentro de casa para protegê-los, mas isso acaba deixando os jovens ainda mais desconectados da comunidade (**Participante 1 – com 1 ano e 3 meses de atuação**).

A pobreza material é escancarada em momentos simples, como nas atividades promovidas por projetos sociais. Tem jovem que nunca teve acesso a coisas comuns, como cachorro-quente ou refrigerante, o que mostra o quanto a situação é grave (**Participante 2 – com 1 ano e 6 meses de atuação**).

A ausência de acesso a experiências culturais e de convivência relatada pelos participantes evidencia que a exclusão não se limita à renda, mas repercute na produção desigual de capitais sociais e culturais ao longo da trajetória desses jovens. Nessa perspectiva, os projetos sociais funcionam como espaços de ampliação desses capitais, favorecendo novas modalidades de pertencimento e participação comunitária, embora não sejam suficientes para romper, isoladamente, os mecanismos estruturais de reprodução das desigualdades (Bourdieu, 2007).

Com base nos relatos dos agentes sociais, observa-se uma conexão direta entre a carência de oportunidades nos âmbitos educacional, profissional, cultural e de lazer e a vulnerabilidade social vivenciada pelos jovens. Essa associação se evidencia nas diversas realidades socioeconômicas, onde a ausência de recursos materiais e simbólicos compromete a capacidade dos indivíduos e grupos de usufruírem das oportunidades sociais, econômicas e culturais oferecidas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade em geral. Essa condição, caracterizada como vulnerabilidade extrema, não apenas afeta o bem-estar social, mas também fragiliza a relação entre o indivíduo e a comunidade, gerando

isolamento, desengajamento e perpetuação das desigualdades (Gomes; Azevedo, 2024).

Sob essa perspectiva, a vulnerabilidade não se restringe à insuficiência de recursos econômicos, mas desvela a fragilização das relações sociais e do acesso aos mecanismos de proteção e participação comunitária. Para Castel (1998), a vulnerabilidade social emerge da combinação entre precarização das condições de vida e enfraquecimento dos vínculos sociais, produzindo processos de exclusão que limitam a inserção dos indivíduos na vida coletiva. Os relatos dos participantes ilustram essa dinâmica ao demonstrarem que o medo, a violência e a escassez de oportunidades restringem o pertencimento comunitário e ampliam o isolamento dos jovens.

Para enfrentar esses desafios, os agentes sociais reforçam a importância de ações integradas que promovam o fortalecimento das redes comunitárias e ofereçam oportunidades educacionais, culturais e profissionais. O engajamento dos jovens em projetos sociais se apresenta como uma estratégia eficaz para romper ciclos de exclusão e promover sua participação ativa na comunidade. Essas iniciativas valorizam as vivências dos indivíduos, estimulando o senso de pertencimento e a ressignificação de suas trajetórias. Ao oferecer espaços seguros e inclusivos, os projetos sociais tornam-se fundamentais para possibilitar que os jovens desenvolvam suas potencialidades, assumam um papel protagonista e contribuam para a transformação social de seus territórios.

Além disso, os relatos apontam que enfrentar a vulnerabilidade social exige uma abordagem multidisciplinar e integrada, envolvendo áreas como psicologia, políticas públicas e educação. Essa perspectiva amplia a capacidade dos jovens de atuarem como agentes de transformação em suas comunidades, assegurando o acesso aos direitos e fomentando o fortalecimento das redes familiares e sociais (Bourdieu, 2007). Reconhecer e implementar espaços comunitários seguros e inclusivos, bem como projetos sociais que valorizem as experiências dos jovens, é fundamental para romper as barreiras impostas pela exclusão e criar caminhos reais para a igualdade de oportunidades.

Classe 2 - Aspectos afetivos

A análise do corpus revela que 33,33% ($f = 12$ ST) do total de palavras analisadas é composta por radicais e termos localizados no intervalo entre $\chi^2 = 3,5$ (Ir) e $\chi^2 = 9,1$ (Emocional), com destaque para palavras como “Sentimento” ($\chi^2 = 6,6$), “Apoio” ($\chi^2 = 6,6$), “Medo” ($\chi^2 = 6,6$) e “Abandono” ($\chi^2 = 4,06$). Esses termos refletem uma classe específica dentro da análise do corpus, associada à comunicação familiar em contextos de vulnerabilidade, especialmente no que tange à ausência de espaços para a expressão verbal e afetiva entre pais e filhos.

O conteúdo dessa categoria enfatiza como os pais abordam a comunicação com seus filhos, com base na percepção dos agentes sociais. Nesse contexto, é evidente que os filhos frequentemente expressam suas emoções, revelando a saudade que sentem dos pais e o desejo de compartilhar

conversas sobre suas experiências diárias e escolares. Contudo, muitos enfrentam resistência por parte dos pais, que dificultam ou não reconhecem a importância desses diálogos.

Em situações delicadas, surgem conflitos familiares relacionados a temas sensíveis, como a religião e a identidade de gênero. Um exemplo disso é o relato de uma adolescente que deseja se envolver com a Umbanda, mas se depara com forte oposição sempre que menciona o assunto. De forma semelhante, uma jovem, que se identifica com um nome feminino, mas se percebe pertencente ao gênero masculino, enfrenta resistência de seus pais, o que gera um ambiente de conflito familiar. Esses desafios são ainda mais intensos pela forte religiosidade do bairro Sumaré, conforme observado pelos participantes, o que resulta no isolamento social de jovens que não podem participar de atividades em grupo por conta de seus compromissos religiosos, como missas ou cultos.

A dimensão emocional, compreendida a partir da percepção dos profissionais, evidencia o sofrimento enfrentado pelos jovens em situação de vulnerabilidade, especialmente no âmbito das relações familiares. A ausência de diálogo afetivo e a resistência dos pais em acolher as emoções e perspectivas dos filhos geram tensões que impactam diretamente o desenvolvimento emocional desses jovens. Muitos relatam saudade e desejo de compartilhar suas vivências cotidianas, porém encontram barreiras impostas pelos pais, que muitas vezes priorizam aspectos religiosos ou culturais em detrimento do bem-estar emocional dos filhos. Conflitos relacionados a temáticas sensíveis, como religião e identidade de gênero, intensificam esse sofrimento.

Esses conflitos evidenciam que a vulnerabilidade também assume uma dimensão simbólica, uma vez que determinados modos de ser, pensar e viver deixam de ser reconhecidos como socialmente legítimos. Butler (2003) argumenta que as normas sociais regulam o reconhecimento das identidades e produzem processos de exclusão quando determinados sujeitos não correspondem às expectativas culturais predominantes. Nessa perspectiva, os relatos sugerem que o sofrimento emocional dos jovens decorre não apenas das divergências familiares, mas também da dificuldade de terem suas identidades e escolhas reconhecidas em seus contextos de convivência. Nesses casos, a violência simbólica manifesta-se pela negação da legitimidade das experiências juvenis, produzindo sofrimento que ultrapassa o conflito familiar e repercute na construção da identidade e do sentimento de pertencimento.

Um dos relatos mais representativos sobre a pressão psicológica imposta pelas famílias foi descrito por um dos participantes.

Presenciei muito disso, inclusive em uma das visitas que consegui fazer, fui visitar uma mãe e o pai desse jovem estava internado e entubado, muito mal. A mãe estava fazendo com que o filho sofresse uma pressão psicológica e dizia: ‘meu filho não vai para o projeto porque preciso levar ele para adoração, porque a gente precisa rezar e pedir a Deus para melhorar (Participante 3 – com 9 anos de atuação).

Este depoimento ilustra o impacto da ausência de comunicação afetiva e de espaços para a livre

expressão dos sentimentos dentro da dinâmica familiar, com a mãe priorizando práticas religiosas em detrimento do bem-estar emocional do filho. Outro exemplo revela como a falta de aceitação e de espaço para a expressão religiosa podem gerar sofrimento nos jovens.

Às vezes eles querem participar de outra religião e os pais não aceitam. Eu já escutei relato de uma adolescente que queria muito fazer parte da Umbanda, mas toda vez que ela toca nesse assunto é uma briga muito grande (**Participante 2 – com 1 ano e 6 meses de atuação**).

Esses relatos demonstram o sofrimento gerado pela impossibilidade de expressão afetiva e verbal dentro do ambiente familiar, resultando em tensões que prejudicam o desenvolvimento emocional dos jovens. Nesse contexto, é essencial promover a construção e a valorização dos vínculos familiares e comunitários, oferecendo suporte psicológico, social e econômico aos jovens em situação de vulnerabilidade, para que possam expressar sua criatividade e espontaneidade sem temores ou repressões (Sadriu; Orhani; Thaci, 2026). A convivência com outros indivíduos envolve interações recíprocas, pautadas principalmente por trocas afetivas, as quais favorecem o desenvolvimento (UNDP, 2023). A ausência de uma comunicação eficaz dentro da família pode resultar em sérias repercussões no desenvolvimento emocional dos jovens, afetando suas escolhas afetivas e profissionais na vida adulta. Além disso, pode contribuir para a falta de acesso a oportunidades educacionais e profissionais, envolvimento em atividades ilícitas, gravidez precoce, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), uso abusivo de substâncias, violência e exploração sexual (Alvarenga; Patrocinio; Barbi, 2021).

Esses desafios demonstram a necessidade urgente de intervenções que promovam espaços seguros para a livre expressão dos sentimentos e experiências dos jovens. A ausência desse suporte pode acarretar repercussões graves, como baixa autoestima, dificuldades em construir vínculos afetivos saudáveis e até envolvimento em situações de risco, como evasão escolar, uso abusivo de substâncias e exploração sexual. Nesse sentido, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários é fundamental, sendo imprescindível a atuação de programas psicossociais que ofereçam suporte emocional e promovam a inclusão social. Ao criar oportunidades para que os jovens expressem sua individualidade, desenvolvam autoconfiança e construam relações positivas, esses projetos desempenham um papel basilar na ruptura do ciclo de vulnerabilidade e na construção de trajetórias de vida mais saudáveis e promissoras.

Esses achados reforçam que intervenções voltadas exclusivamente às necessidades materiais são insuficientes para enfrentar a vulnerabilidade social. A construção de espaços de acolhimento, escuta qualificada e reconhecimento das singularidades mostra-se igualmente necessária para reduzir os impactos produzidos pela exclusão social e fortalecer os processos de desenvolvimento dos jovens.

Por fim, é fundamental entender como os indivíduos se relacionam, tanto no contexto familiar

quanto no social, para promover uma melhor integração e pertencimento aos grupos. A inclusão social é facilitada quando as atividades são significativas e atendem às necessidades pessoais, sociais e de saúde dos jovens. No entanto, é importante ressaltar que a compreensão e a participação nessas atividades são influenciadas por fatores estruturais e pessoais, sendo dependente do contexto social e familiar de cada indivíduo (Souza *et al.*, 2019).

Classe 3 - Estratégias de enfrentamento em contextos de vulnerabilidade

A análise do corpus revelou que 37,63% ($f = 13$ ST) do total de palavras analisadas é composta por radicais e termos localizados no intervalo entre $\chi^2 = 11,79$ (Empoderamento) e $\chi^2 = 3,56$ (Autonomia), incluindo palavras como “Diálogo” ($\chi^2 = 9,10$), “Autoconhecimento” ($\chi^2 = 6,60$), “Regulação” ($\chi^2 = 5,70$) e “Oficinas” ($\chi^2 = 4,04$). Essa classe específica examina a percepção dos agentes sociais em relação à introdução de novas perspectivas e à dificuldade que os pais demonstram em acolher o nível de maturidade mental de seus filhos. Nas palavras dos participantes, é possível perceber o cuidado dedicado aos membros do projeto e suas relações familiares e sociais, com ênfase nos esforços para ir além do que o projeto originalmente propunha. Um dos participantes compartilhou sua experiência de atuação da seguinte forma:

Vou ser sincero: eu tento ajudar, tento passar uma nova ideia, teve um rapaz que trouxe uma questão, porque ele é um cara muito inteligente [...] além do que posso fazer é conversar e a coisa mais importante que posso fazer é, às vezes, uma prática que leva algo para os pais também para resolver essa situação (**Participante 3 – com 9 anos de atuação**).

Outro agente social relatou uma situação em que demonstrou empenho para além de suas atribuições formais, com o objetivo de oferecer apoio a um jovem.

Tem um jovem que eu até convidei ele, peguei ele vendendo doces, beijinhos na rua e fiquei olhando e chamei e apresentei o projeto vida [...] que não são todos, mas que o pai bota pra vender um picolé, tapioca, vender algum doce pra justamente ajudar na situação de vulnerabilidade e na verba de casa (**Participante 1 – com 1 ano e 3 meses de atuação**).

Esses relatos demonstram o esforço dos agentes sociais para estabelecer novas perspectivas, não apenas por meio de programas formais, mas também por meio de ações que buscam intervir na realidade dos jovens de forma pessoal. Contudo, essa abordagem também revela a existência de um ciclo vicioso que perpetua condições prejudiciais, afetando não apenas os aspectos financeiros e materiais, mas também os emocionais. Esse ciclo tem origem no fato de que, desde a infância, muitos desses jovens internalizam uma percepção de inferioridade, incapacidade e desvalorização, devido à falta de reconhecimento social necessário para acreditar em seu potencial humano (Pereira 2019). Além disso, existe um dilema sobre a integração e a continuidade social desses jovens, que são frequentemente vistos como a face negativa de uma juventude promissora pois não tiveram acesso à cultura social, educacional e política que as elites consideram essencial (Bourdieu, 2007).

As estratégias realizadas no projeto da organização social envolvem intervenções que vão além das atividades formais, com foco na promoção de novas perspectivas para os jovens em situação de vulnerabilidade social. Os agentes sociais atuam diretamente no fortalecimento de valores, autoestima e autonomia dos participantes, buscando, por meio do diálogo e da escuta ativa, mediar conflitos familiares e criar oportunidades para a inclusão social.

Nessa perspectiva, a autonomia não é compreendida apenas como independência individual, mas como a capacidade de refletir criticamente sobre a própria realidade e participar ativamente de sua transformação. Segundo Freire (1996), esse processo é construído por meio do diálogo, da problematização da realidade e do fortalecimento da consciência crítica. Assim, as ações desenvolvidas pelos agentes sociais favorecem processos emancipatórios ao ampliarem as possibilidades de participação e de construção de projetos de vida pelos jovens.

Também, o protagonismo não corresponde apenas à participação dos jovens nas atividades do projeto, mas à possibilidade de assumirem posição ativa na interpretação de sua realidade e na construção de estratégias para transformá-la. Assim, o empoderamento é compreendido como um processo coletivo de ampliação da capacidade de participação social e exercício de direitos, e não apenas como fortalecimento individual da autoestima.

Ações como a apresentação do projeto a jovens envolvidos em atividades informais, como a venda de doces para ajudar nas despesas familiares, demonstram o esforço para reintegrá-los em contextos educativos e culturais. Além disso, os agentes se empenham em orientar os pais, facilitando reflexões sobre as dificuldades enfrentadas pelos filhos e incentivando uma comunicação mais acolhedora e aberta. Essas práticas buscam romper ciclos de exclusão e inferioridade internalizados desde a infância, proporcionando aos jovens não apenas suporte emocional e social, mas também ferramentas para que desenvolvam suas potencialidades e assumam um papel protagonista na construção de suas trajetórias de vida.

Os programas sociais, como os observados, desempenham um papel fundamental como rede de apoio para os jovens, oferecendo oportunidades de envolvimento em atividades educativas e culturais. Numerosos projetos sociais são desenvolvidos com o objetivo de aprimorar as condições de vida dos jovens e favorecer sua autonomia e protagonismo (Araújo, 2023). Essas atividades são essenciais para a construção de valores e habilidades basilares no contexto social. Também, apresentam o potencial de estimular a criatividade, fortalecer a autoestima, promover a autoconfiança e desenvolver a capacidade de enfrentar desafios e situações adversas, fatores determinantes para o crescimento pessoal e para a construção da autoimagem desses jovens (Araújo, 2023).

Nuvem de Palavras

A partir da análise da Nuvem de Palavras gerada pelos discursos dos participantes, foi possível identificar algumas palavras-chave centrais. Entre as mais frequentes destacam-se: “Jovens” ($f = 25$), “Família” ($f = 13$), “Projeto” ($f = 11$), “Sentimentos” ($f = 9$), “Dificuldade” ($f = 8$), “Comunidade” ($f = 8$), “Violência” ($f = 7$), “Mãe” ($f = 6$), “Vivência” ($f = 6$), e “Emoção” ($f = 6$) (Ver Figura 2).

Figura 2 – Nuvem de palavras.



Fonte: Elaborada pelo software *IRaMuTeQ*.

Essas palavras indicam que a relação entre os jovens e os profissionais é marcada por uma dinâmica de aprendizagem recíproca. A princípio, poderia supor que os profissionais são os principais responsáveis pela educação, mas, na prática, os jovens desempenham um papel fundamental nesse processo. A falta de experiência inicial dos agentes sociais pode gerar insegurança sobre como se aproximar e interagir com os jovens, mas, com o tempo e o acúmulo de experiências, os próprios jovens ensinam lições valiosas. Eles ajudam a orientar os profissionais, compartilhando suas preferências, sentimentos, dificuldades e formas de comunicação, o que torna a aprendizagem um processo bidirecional. Esse processo propicia um ambiente de desenvolvimento mútuo, baseado na troca de conhecimentos e na construção de um entendimento conjunto entre profissionais e jovens.

Percebe-se a necessidade de adotar uma abordagem multidisciplinar e integrada para lidar de maneira eficaz com a vulnerabilidade social dos jovens, incorporando diversas áreas do conhecimento, como a psicologia e as políticas públicas. Essa abordagem fortalece os indivíduos para exercer papéis significativos na sociedade e acessar seus direitos, além de oferecer suporte a seus familiares e redes de convivência (Nascimento; Melazzo, 2013).

No entanto, é relevante ressaltar que a compreensão dessas atividades é moldada por fatores estruturais e pessoais, tornando-se fortemente contextual (Souza *et al.*, 2019). Tais atividades

desempenham um papel fundamental na construção de valores e habilidades considerados essenciais para o contexto social. Elas apresentam o potencial de estimular a criatividade, fortalecer a autoestima, promover a autoconfiança e desenvolver a capacidade de enfrentar dificuldades e situações adversas, contribuindo assim para o crescimento pessoal dos jovens e a formação de sua identidade (Araújo, 2023). Além disso, pode contribuir para o desenvolvimento social, auxiliando na redução das desigualdades por meio da construção de relações mais equitativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender a percepção da situação dos jovens em vulnerabilidade social por agentes sociais e arte educadores. Por meio da análise qualitativa, identificaram-se os desafios enfrentados pelos jovens nas relações comunitárias e familiares, bem como as estratégias de enfrentamento adotadas para lidar com a exclusão e o isolamento social.

Os principais resultados evidenciaram a relação dos jovens com a comunidade, marcada pela violência e pela escassez de oportunidades, bem como aspectos emocionais relacionados ao sofrimento decorrente de conflitos familiares e às dificuldades na expressão afetiva. Destacam-se as estratégias de enfrentamento, com o suporte institucional como elemento central para promover diálogo, autoconhecimento e inclusão social.

Do ponto de vista prático, a pesquisa reforça a importância de programas sociais que integram a psicologia, a educação e as políticas públicas como ferramentas essenciais para mitigar a vulnerabilidade social e fomentar o desenvolvimento dos jovens. A nível teórico, o estudo contribui ao enfatizar como os vínculos familiares e comunitários são indispensáveis para reverter o ciclo de exclusão.

Entre as limitações do estudo, verifica-se o número de participantes, o que restringe a generalização dos resultados. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o número de entrevistados e explorem a perspectiva dos próprios jovens, visando aprofundar a compreensão de suas experiências. Em conclusão, o estudo evidencia a necessidade de ações integradas e contínuas que promovam espaços de acolhimento e transformação social, reafirmando o papel da instituição na construção de oportunidades reais e na valorização do protagonismo juvenil.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. G.; PATROCINO, L. B.; BARBI, L. Discutindo Projetos de Vida com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. **Desidades**, v. 29, p. 186-199, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100012&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 14 mar. 2026.

ARAÚJO, K. G. Projetos comunitários com crianças e adolescentes em vulnerabilidade: esporte, saúde e prevenção da violência. **RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/1947>. Acesso em: 27 jun. 2026.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRONDANI, R. P. *et al.* Percursos de jovens em contextos de vulnerabilidade social: um estudo longitudinal. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36298/gerais202114e16464> Acesso em: 14 mar. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRaMuTeQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16> Acesso em: 14 mar. 2026.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOMES, R. F. D.; AZEVEDO, G. A. N. A educação em um contexto de vulnerabilidade social: contribuições teóricas a partir de diálogos com a juventude favelada da Maré-RJ. **Sociedade e Estado**, v. 39, n. 1, p. e47145, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-20243901e47145>. Acesso em: 27 jun. 2026.

KAMI, M. T. M. *et al.* Trabalho no consultório na rua: uso do software IRaMuTeQ no apoio à pesquisa qualitativa. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160069>. Acesso em: 14 mar. 2026.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15 ed. rev. e ampl. São Paulo: Hucitec, 2022.

NASCIMENTO, P. F.; MELAZZO, E. S. Território: conceito estratégico na assistência social. **Serviço Social em Revista, Londrina**, v. 16, n. 1, p. 66–88, jul./dez. 2013. DOI: 10.5433/1679-4842.2013v16n1p66. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/16148>. Acesso em: 21 março. 2026.

PEREIRA, A. Os sujeitos da EJA e da Educação Social: as pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 31, p. 273-294, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i31.4673> Acesso em: 14 mar. 2026.

SADRIU, B.; ORHANI, Z.; THACI, E. O papel do apoio familiar na autoconfiança dos jovens. **European Scientific Journal, ESJ**, v. 22, n. 8, p. 43, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.19044/esj.2026.v22n8p43> Acesso em: 30 jun. 2026.

SAWAIA, B. B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: Redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2003. p. 39-50.

SCOOT, J. B. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia na Revista**, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p600-615> Acesso em: 14 mar. 2026.

SILVA, E. B. F. L.; ALBERTO, M. F. P.; COSTA, C. S. Juventude, contexto social e medidas socioeducativas: trajetórias de (des)proteção social?. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34, e38032, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/38032>. Acesso em: 30 jun. 2026.

SOUZA, L. B.; PANUNCIO-PINTO, M. P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1812>

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Human Development Report 2023/2024: Breaking the gridlock: Reimagining cooperation in a polarized world**. New York: UNDP, 2023. Disponível em: <https://hdr.undp.org> . Acesso em: 30 jun. 2026.